

LEMBRANÇAS DO

FU

TU

RO



Hermínio C. Miranda



Lembranças do Futuro

Hermínio C. Miranda

Publicações Lachâtre

© 1995 *by* Hermínio C. Miranda

Capa: Luiz Fernando Rodrigues Tiragem: 10.000 exemplares

Catálogo na fonte

Miranda, Hermínio C. (Hermínio Corrêa de), 1920 -

Lembranças do Futuro / Hermínio C. Miranda. - 1ª edição - Niterói,
RJ: Publicações Lachâtre, 1995.

38 páginas Bibliografia 1. Espiritismo.

CDD-133.9 CDU-133.7

Direitos cedidos pelo autor à Publicações Lachâtre Editora Ltda.

Rua Rui Barroso, 63, Charitas Cep. 24370-070, Niterói, RJ

Telefone: (021) 714-2205

A reprodução desta obra, no todo ou em parte, por qualquer meio, será permitida somente com a autorização, por escrito, da Editora (Lei nº 6.896 de 17.12.1980).

1ª edição Agosto de 1995

Impresso no Brasil

Presita en Brazilo

Progressão de memória

Ao encerrar-se a década de 70, três psicólogos americanos, todos devidamente adornados com honrosos títulos PhD, introduziram na psicologia clínica o conceito da reencarnação, como se pode conferir com a leitura de seus depoimentos: Helen Wambach, com os livros *Reliving past lives* {*Revivendo vidas passadas*), em 1978, e *Life before life* {*Vida antes da vida*), em 1979; Edith Fiore, com *You have been here before* {*Você já esteve aqui antes*), em 1979, e Morris Netherton, com *Past lives³⁷ therapy* {*Terapia de vidas passadas*), também em 1979.

Não é nosso propósito, neste texto, desenvolver comentários sobre essas obras, que definiram clara posição doutrinária, tanto quanto marcaram época na evolução das ciências da mente; elas são conhecidas no Brasil, onde se acham difundidas no original e em traduções brasileiras e portuguesas. O objetivo deste papel é o de comentar trabalho mais recente da dra. Wambach, morta em consequência de problemas circulatórios, em 18 de agosto de 1985, dia em que completava 60 anos de idade. Estaremos, para isso, examinando o livro *Massdreams of future* (*Sonhos coletivos do futuro*), de Chet B. Snow, outro PhD.

O dr. Snow recorreu à dra. Wambach, em 1983, em busca de ajuda profissional para problemas de natureza pessoal. Tornaram-se amigos e passaram a debater questões científicas. Em breve, ele se engajou no projeto de pesquisa com o qual a doutora vinha trabalhando há algum tempo e acabou escrevendo o livro que ora temos para estudo.

Pesquisa da memória

Leitores da dra. Wambach sabem que seu segundo livro (*Vida antes da vida*) trata basicamente de regressões de adultos ao momento do parto. A eminente pesquisadora desejava saber das emoções do nascituro, seus projetos de vida, seu possível relacionamento anterior com os pais, irmãos e outros familiares, bem como das razões pelas quais teria escolhido nascer homem ou mulher, e por que nesta época e não em outra. *Vida antes da vida* é leitura imperdível.

O livro anterior da mesma autora, não menos importante, apresentara-se com diferente enfoque ao concentrar-se em aspectos históricos e antropológicos embutidos no processo evolutivo do ser humano. A doutora utilizou-se da instrumentação regressiva para

buscar na memória das pessoas informações que lhe permitissem montar uma visão mais precisa do contexto em que tem vivido a comunidade humana, no passado. Valeu-se para isso de um conjunto de perguntas simples e bem elaboradas, sobre alimentação, vestuário, habitação, estruturas sociais, culturais, religiosas e econômicas. Tabulados, com paciência e competência, os dados colhidos desenham um quadro realista e coerente de hábitos e costumes através dos tempos. Pela primeira vez, produzia-se um estudo baseado na memória das pessoas que *estavam lá*, vivendo remotas experiências na carne, em lugar de proceder a penosas escavações, nas quais o contexto deve ser recomposto a partir de fragmentos e vestígios, muitas vezes enigmáticos e insuficientes.

A alma das coisas

E quanto ao futuro? pensou a dra. Wambach. De que maneira os americanos de hoje considerariam suas potenciais vidas futuras? Em que cenário? Sob que condições? Seria possível dar uma espiada no futuro que nos aguarda a um ou dois séculos na frente? Ela achava que sim, de vez que percebera, no decorrer de suas pesquisas, pacientes em ligeiro transe hipnótico que demonstravam com

frequência capacidade de antecipar perguntas e comentários que ela ainda não havia formulado. Aliás, ela se convenceu de que um sistema de comunicação direta, sem palavras, funciona livremente por toda parte, entre os seres vivos. Chet Snow, autor do livro e parceiro nas pesquisas, acha mesmo que a própria terra é um organismo vivo sobre o qual não apenas nossos atos, mas também pensamentos, atuam de maneira dramática, o que não seria surpresa para Emmanuel. No livro *Emmanuel*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, em 1937, vamos encontrar esta observação do autor espiritual:

— O orbe terrestre é um grande magneto, governado pelas forças positivas do Sol. Toda matéria tangível representa uma condensação de energia dessas forças sobre o planeta e essa condensação se verifica *debaixo da influência organizadora do princípio espiritual*, preexistindo a todas as combinações químicas e moleculares. É *a alma das coisas e dos seres*, o elemento que influi no problema das formas, segundo a posição evolutiva de cada unidade eventual. Todas as correntes eletrônicas, portanto, ou ondas da matéria rarefeita, são *elementos subordinados as correntes de fluidos ou vibrações espirituais*; aquelas são *instrumentos passivos*, estas as forças ativas e renovadoras do universo, (pp. 112-113, 2ª edição, FEB, 1938, sendo

de observar-se que os destaques são meus).

Arqueologia do futuro

A dra. Wambach declarou ao dr. Snow que uma das mais valiosas lições de toda uma existência dedicada à tarefa da psicologia clínica foi a de que as palavras são cortinas de fumaça, o que confere com o conceito de antigo autor — lamento confessar a ingratidão de haver esquecido seu nome —, segundo o qual as palavras foram inventadas não para expressar o pensamento,⁴¹ mas para ocultá-lo.

Com essas idéias em mente, já em 1980, pouco tempo depois de publicado *Vida antes da vida*, a dra. Wambach decidiu embarcar em outra pesquisa de grande porte, desta vez para explorar a possibilidade de promover uma espécie de arqueologia do futuro, na memória de pacientes sob hipnose, segundo o já consagrado “método Wambach”. Obteve, para o projeto, o apoio de sua amiga Beverly Lundell e o do dr. R. Leo Sprinkle, psicólogo e professor da Universidade de Wyoming. O objetivo era o de explorar, no psiquismo de pessoas suscetíveis e dispostas a colaborar, os períodos de 2100-2200 e 2300-2500, ou seja, os séculos XXII, XXIV e XXV. Em 1983, quando Chet Snow a conheceu, Wambach já estava coligindo material

resultante de progressões realizadas por ela e pelos seus dois amigos e colaboradores. Em breve, o dr. Snow passaria a promover *workshops* de regressão e progressão, nos Estados Unidos e na França, onde iria viver por algum tempo, a fim de documentar uma de suas próprias existências anteriores. Encontrava-se Snow na França, em 1985, quando foi notificado da morte da dra. Wambach.

Estado alterado

Convém observar, antes de prosseguir, que o conceito de *progressão de memória*, em contraste com o de *regressão*, não constitui novidade absoluta. O coronel Albert de Rochas dá conta, em sua obra *Les vies successives (As vidas sucessivas)*, de experiências nesse sentido, realizadas durante a última década do século XIX e a primeira do século XX. É certo que tais experiências foram esquemáticas e sem o desejável aprofundamento, mas há, no texto do coronel, evidência de que é possível “levar” uma pessoa hipnotizada ou magnetizada ao futuro, da mesma forma que, na regressão, é “levada” ao passado. Tomo a liberdade de remeter o leitor porventura interessado neste e em outros aspectos do problema ao meu livro *A memória e o tempo*, no qual o trabalho de De Rochas

é discutido com maior amplitude.

Chet B. Snow não apenas aderiu ao projeto da dra. Wambach, como acabou concordando, ele próprio, em submeter-se a uma experiência de progressão, no que, aliás, revelou-se excelente *sujet*. Foi assim, numa tarde de julho de 1983, no consultório da dra. Wambach, na Califórnia, que, após mergulhado no estado alterado de consciência sugerido pela psicóloga, Chet Snow viveu uma dramática “lembrança do futuro”, na qual se via, em 1998, em desolada região do estado do Arizona, como integrante de pequena comunidade de pessoas que haviam sobrevivido a violentos cataclismos. As condições climáticas locais mostravam-se profundamente alteradas em relação ao que são hoje, de vez que, no mês de julho, em pleno verão no hemisfério norte, e em local onde a norma seriam as temperaturas elevadas, fazia frio e soprava um vento glacial. Além do mais, a região parecia despovoada e com escassas possibilidades de comunicação com o resto do país. As condições de vida eram primitivas, a alimentação constituía prioridade absoluta, a habitação (coletiva) não passava de um abrigo precário para algumas dezenas de pessoas lideradas por uma mulher.

Não é de admirar-se, pois, que Chet Snow tenha regressado com

enorme sensação de alívio, ao “aqui e agora”, no consultório da dra. Wambach, no luminoso verão californiano. Seja como for, a ser válida a experiência, o terrível cenário em que se metera ele durante a progressão estava à sua espera dentro de quinze anos. Era uma idéia mais do que inquietante, aterradora.

Um planeta devastado

Outras “viagens” ao futuro faria o dr. Snow sob a competente pilotagem da dra. Wambach, não apenas ao desolado território do Arizona, no fim deste século, como a outros tempos e locais, em futuro mais remoto. Desdobrava-se o projeto desenhado com a finalidade de investigar o que poderão revelar sobre o futuro “os sonhos coletivos” em que mergulhamos tantos de nós, seres vivos, nesta época dominada por tensões e sombrios presságios.

As primeiras imagens do contexto explorado nas progressões revelaram-se tão deprimentes que a doutora pensou, de início, em suspender a pesquisa. A visão que se antecipava nela era a de um planeta devastado, desestruturado e poluído, cidades em ruínas e campos abandonados, sistemas de comunicação e transportes desarticulados e dramática escassez de alimentos. Era um verdadeiro

pesadelo, dentro do qual a prioridade maior era a de sobreviver, se possível, mais um dia ou dois.

Entre 1980 e 1985, a dra. Wambach e sua equipe haviam realizado regressões e progressões em cerca de 2.500 americanos (Snow trabalhara também com alguns franceses). Inesperadamente, apenas cerca de 5% das pessoas progredidas viam-se reencarnadas por volta do ano 2100, a umas poucas gerações adiante, portanto. A conclusão era óbvia, ainda que inquietante, dado que indicava um declínio de cerca de 95% na população mundial, dizimada, por essa época, por gigantescos cataclismos, em inúmeras regiões da Terra.

Tais resultados foram encontrados, isoladamente, pelos pesquisadores, em diferentes grupos de pessoas. Consistentemente, cerca de apenas 5% viam-se encarnadas por volta do ano 2100, ao passo que, mais à frente, em torno do ano 2300, a percentagem subia para 13 ou 15%, o que parece indicar uma retomada do crescimento populacional, após o drástico decréscimo.

Sonhos coletivos

Apesar de deprimida pelos resultados, a curiosidade científica da

dra. Wambach prevaleceu e a pesquisa prosseguiu. Era preciso, não obstante, ampliar a base para que o estudo não ficasse prejudicado e exposto a críticas por ter sido demasiado restrito o universo pesquisado. Para chegar-se a números confiáveis, porém, seria necessário progredir pelo menos dez mil pessoas, o que inviabilizaria o projeto a médio prazo. Com o propósito de contornar a dificuldade, a dra. Wambach decidiu selecionar para as progressões pessoas comuns, dotadas de bom senso e equilíbrio emocional. Suas experiências com sensitivos e médiuns revelaram-se decepcionantes, ao que ela supõe, por causa de interferências do interesse pessoal de cada um deles, mais propensos às usuais “profecias” sobre gente famosa e eventos de menor interesse coletivo a fim de manter o *status* de bons videntes do que em concentrarem-se no que estariam, eles próprios, fazendo, onde e quando, em futuro próximo ou mais remoto.

Muitos foram os voluntários interessados na nova fase das pesquisas, mas ela selecionou apenas três, que lhe pareceram emocionalmente estáveis, e passou a trabalhar com eles. Essa abordagem certamente não eliminaria o inconveniente de estudar um universo reduzido para os padrões estatísticos, mas poderia produzir uma indicação a mais em relação a outros dados anteriormente colhidos. Ademais, o autor do livro adverte, já no prólogo, que as

previsões não devem ser consideradas “incontroversas ou irreversíveis”; é certo, porém, que foram garimpadas nos “sonhos coletivos” que estão sendo projetados por muitas mentes e, nesse sentido, constituem indicações dignas de consideração sobre o que poderemos estar experimentando no futuro. Pelo menos é o que está sendo lido, hoje, no inconsciente das pessoas.

Realidade espiritual

Não há como compactar⁴⁷ num papel como este, que pretende apenas dar uma notícia sobre o livro do dr. Snow, toda a riqueza do material nele posto à disposição do leitor, como, por exemplo, o conteúdo do capítulo 3, no qual a profecia é examinada do ponto de vista histórico; ou o capítulo 9, que suscita estimulante debate em torno das recentes propostas da física quântica e suas implicações metafísicas, bem como sobre o conceito de linearidade do tempo. Temos de sacrificar esses e outros aspectos (para os quais o leitor terá mesmo de recorrer ao livro do dr. Snow) a fim de abrir espaço para informações menos eruditas e de maior interesse imediato para nós.

Após examinar detidamente e tabular os dados recolhidos de 133 pessoas sobre as expectativas para o ano 2100, o dr. Snow encontrou

35 vivendo no espaço, em viagens constantes ou em colônias orbitando em volta da Terra. O depoimento dessas pessoas, bem como o das que continuavam vivendo na superfície da Terra, parecem indicar que o intercâmbio espacial ter-se-á tornado atividade praticamente de rotina, aí pelo ano 2100. O segundo grupo, composto de 24 pessoas — sempre dentro do universo de 133 progredidas no tempo —, seria constituído de gente vivendo em pequenas comunidades terrenas, basicamente rurais ou, pelo menos, afastadas dos grandes centros, e que, embora sem confortos e sem sofisticada tecnologia, seriam auto-suficientes e até felizes. Essa gente revela-se bem informada a respeito da realidade espiritual e familiarizada com os conceitos de reencarnação, sobrevivência do ser, comunicabilidade entre vivos e mortos e outros tantos dessa natureza. O terceiro grupo, do qual deram notícia 41 pessoas, encontrava-se vivendo em comunidades fechadas, altamente sofisticadas em termos tecnológicos, implantadas em espaços protegidos por cúpulas imensas que as mantinham isoladas do ambiente externo, usualmente árido e hostil. Ao contrário das comunidades do segundo grupo, que se revelam felizes e descontraídas, os habitantes dos grupos fechados mostram-se descontentes e indiferentes, como se a vida fosse uma desagradável imposição rotineira e não um privilégio e uma oportu-

tunidade valiosa. Levam, tais criaturas, uma existência algo artificial, subsistindo à base de alimentos industrializados, muitos deles sintetizados em laboratórios. Ao que parece, mantêm ativo intercâmbio com seres espaciais e só se aventuram fora de suas redomas coletivas por pouco tempo e protegidos por vestimentas e capacetes especiais que, em alguns casos, desarranjam-se e acarretam a morte da pessoa, segundo depoimento de alguns. O quarto e último grupo, na classificação proposta pelo dr. Snow, é constituído por pessoas que ele considera como "sobreviventes", seres marginalizados pelas catástrofes. Vivem, a duras penas, em regiões desoladas, usualmente em ruínas das grandes cidades do passado, como que regredidos a condições de vida mais precárias do que as do século XIX, ainda dependentes de transporte animal, praticamente sem recursos que permitam um mínimo de conforto e segurança.

Agressões ecológicas

Ressalvada a exiguidade do universo consultado e admitindo-se a validade da metodologia utilizada, a amostragem é reveladora em mais de um sentido. Não há, por exemplo, indício de nenhum

apocalipse nuclear no período, ainda que conflitos localizados dessa natureza possam ter ocorrido. O desastre parece resultar mesmo de uma espécie de reação do planeta a séculos de maus tratos e agressões ecológicas, como previu Emmanuel, em 1938. Mas não apenas isso.

— Aparentemente — escreve o dr. Snow —, se tais relatos são, ainda que parcialmente, válidos, os desastres naturais e nossa incapacidade para conter a raça humana no presente afã de poluir o ambiente causarão maior dano às gerações futuras do que quaisquer explosões atômicas.

Não deixa o autor passar a oportunidade de advertir, alhures, no livro, de que certamente a severa lei de causa e efeito trará de volta à Terra, para encarar as consequências de seus atos, precisamente aqueles que mais contribuíram para que tanto e tão rapidamente se desarticulasse o sistema ecológico do planeta.

Seja como for, o quadro que tais depoimentos desenham é desolador. O cenário é o de um planeta devastado pela arrasadora ação combinada de erupções vulcânicas, enchentes e abalos sísmicos, quando regiões inteiras desaparecem sob as águas dos oceanos, enquanto outras ressurgem do fundo dos mares.

Distúrbio apocalíptico

Já as progressões que levaram as pessoas até o período 2300-2500, revelam cenário menos desesperador. A população mundial supõe-se bem maior, a partir dos dados tabulados. As comunidades mais espiritualizadas — o autor usa, para identificá-las, a expressão "*New Age*" (Nova Era) — parecem consolidadas e em expansão. Seus componentes apresentam, também, mais elevados índices médios de longevidade: 99,6 anos, em confronto com apenas 56,7 anos para os habitantes das comunidades tecnológicas — "*hi-tech*", na terminologia do autor. Há, ainda, indícios de que começa, por àquela altura, certa aproximação entre esses dois grupos. São numerosos os que se veem em atividades espaciais, ao passo que os marginalizados "sobreviventes" tendem a diminuir. Outro dado digno de nota está na informação de que formas de violência (assassinatos e conflitos de maior vulto) persistem entre os componentes das diversas comunidades, exceto naquelas que o autor classifica como "*New Age*", ou seja, nas quais as pessoas têm consciência da realidade espiritual.

No capítulo 8 - *II - Operation Terra*, o dr. Snow oferece ao leitor suas reflexões acerca das causas de todo o distúrbio apocalíptico que

estaria programado para vitimar o planeta, no final do século XX, ou, mais precisamente, a partir de 1998.

Além das razões meramente geológicas, conhecidas e previsíveis, como o esperado terremoto na costa leste dos Estados Unidos, ou simplesmente possíveis, como uma eventual alteração na posição do eixo da Terra, há no texto considerações dignas de exame quanto a influências, digamos, imateriais. Apoiado em estudo de autoria do dr. Jeffrey Goodman, o dr. Snow alerta para as implicações da “relação direta de causa e efeito entre o psiquismo humano e as forças naturais, como tremores de terra, erupções vulcânicas e condições climáticas”. Goodman, do qual conheço excelente estudo (universitário) sobre arqueologia e mediunidade, criou até um termo para caracterizar esse fenômeno — *biorelatividade*. Por isso, escreve Snow que “quanto mais semeamos discórdia e violência, poluindo nossa atmosfera emocional, mais intensa será a poluição ecológica natural que teremos de suportar no futuro.” O que também confere com as observações de Emmanuel.

Experiência confirmada

Creio oportuno alinhar algumas conclusões, num esforço de

avaliação do livro do dr. Chet B. Snow. O leitor, certamente, terá oportunidade de elaborar as suas próprias.

Em primeiro lugar, convém reiterar que a técnica de progressão da memória na direção do futuro está ainda ensaiando seus primeiros passos de maneira ordenada e consistente. As experiências do engenheiro e coronel Albert de Rochas, como vimos, foram episódicas e ele é o primeiro a reconhecer que, à época, não lhes atribuiu a importância que, potencialmente, sugeriam. Além do mais, suas progressões foram realizadas em universo diminuto e a curto e médio prazos, sem o alcance pretendido pela dra. Wambach e sua equipe, que as estendeu por uma faixa de quinhentos anos e 2.500 pessoas. Numa de suas experiências, De Rochas pode observar que as projeções não se realizaram da maneira descrita pela sensitiva. Em outro caso, a pessoa descreveu o que teria sido uma existência sua na França do século XX, na qual se via como uma adolescente, em 1972, numa cidade ou vila por nome Saint-Germain- au-Mont-d'Or. Procurei testar a informação, por via postal, e não consegui confirmá-la ou negá-la. O correio francês não localizou nenhuma cidade ou vila com o nome indicado, a despeito de haver tentado várias alternativas possíveis. Pelo menos uma experiência de De Rochas, contudo, deu certo. Projetada no futuro mais próximo — cerca de dois anos à frente

— a pessoa se viu tendo uma criança em cima de uma ponte sobre o rio Isère, do qual fora anteriormente salva de uma tentativa de suicídio por afogamento. O parto sobre a ponte pareceu coisa tão esdrúxula que o pesquisador descartou a previsão sumariamente, como fantasiosa. Enganou-se, contudo. As coisas aconteceriam exatamente como previstas. Seduzida, mais tarde, por um jovem, a moça atirou-se ao rio e foi salva. Algum tempo depois, atravessava a ponte, quando sentiu as dores do parto? e, ali mesmo, teve o filho, antes que pudesse ter sido removida para local adequado.

O futuro já é passado?

O dr. Snow, por sua vez, informa que uma das suas próprias antecipações por ocasião da sua primeira progressão, realizou-se algum tempo depois, quando ele foi passar uma temporada na França, o que de forma alguma estava nos seus planos à época da experiência com a dra. Wambach.

✓ Se ainda não dispomos, portanto, de uma confiável massa de dados que nos assegure ser a progressão da memória capaz de antecipar cenários e eventos, é certo que contamos com evidências de que, em princípio, isso é possível e que o assunto merece, no mínimo,

a atenção de pesquisadores responsáveis e a continuidade da busca.

Se isto subverte conceitos sobre a linearidade do tempo, tanto quanto sobre a debatida dicotomia livre-arbítrio/ determinismo? Sim, subverte, mas e daí? Nunca é o fato bem observado e documentado que está errado, e sim o seu enquadramento nas leis que precisa ser reformulado sempre que houver alguma discrepância entre ambos. Estamos aqui diante de um fato, o de que o futuro pode ser visto e vivenciado por antecipação. A profecia vem demonstrando essa realidade há milênios. Há, portanto, alguma coisa na estrutura do nosso conceito de tempo que precisa ser reexaminada. Ao leitor interessado no problema recomendo com entusiasmo o capítulo 9 do livro do dr. Snow, ao qual ele atribui o título "Será que o futuro já é passado? - *New Age*, a física e o universo holográfico". Podemos até não concordar com tudo quanto diz o dr. Snow, mas certamente: ele tem reflexões estimulantes a oferecer. Só tenho a lamentar que o capítulo seja um tanto indigesto para meus modestíssimos conhecimentos científicos.

Perfeição e felicidade

O livro do dr. Snow coloca para exame do leitor um material

explosivo e potencialmente perturbador. Ou, no mínimo, inquietante para aqueles que se mantêm alienados da realidade espiritual. Não é de admirar-se que a dra. Wambach tenha passado por um momento de hesitação antes de dar prosseguimento às suas pesquisas rumo ao que conhecemos por futuro. Não se trata, contudo, de um documento pessimista e amargo; pelo contrário, sua mensagem é otimista, no sentido de que está montado sobre uma postura renovadora. Depreende-se dos achados que o livro coloca diante de nós que o planeta se prepara para uma reacomodação em outro nível de estabilidade, após um período de ciclópicas demolições, como tarefa indispensável, ainda que dolorosa, ao projeto global de reconstrução e depuração de que tanto temos ouvido falar.

Para aqueles, como nós, convictos da realidade espiritual, o quadro é certamente desconfortável e até inquietante, mas não desesperador. Essas projeções indicam a preparação de uma nova era, um novo ciclo para o ascendente processo evolutivo. As dores previstas não se apresentam como vingança ou castigo divino, dado que as leis cósmicas não são punitivas e sim educativas, dotadas, como são, de determinação inexorável, ainda que paciente, em levarem os seres humanos aos últimos patamares da perfeição e da felicidade. Ademais, o grande ciclo do sofrimento individual e coletivo

é mera resultante das matrizes de rebeldia que a própria humanidade criou com a insensatez. Um planeta ecologicamente balanceado não estaria, como este, prestes a desmoronar, como um velho edifício mal cuidado e depredado, que, de repente, se transforma num monte de ruínas.

Objetivo final: o amor

O leitor espírita experimenta a alegria de identificar no texto do dr. Snow conceitos que se habituou a encontrar no estudo da doutrina dos espíritos. Observamos, ali, pessoas vivenciando suas próprias reencarnações e falando das alheias. Há por toda parte a certeza da sobrevivência do ser, do intercâmbio entre vivos e mortos, tanto quanto dos aspectos cármicos, traduzidos explicitamente no vai-e-vem da dicotomia causa/efeito. Testemunhamos o alívio, a agradável surpresa de muitos, a se reconhecerem livres, vivos e pensantes, na dimensão póstuma, após cumprida a dura etapa de aflições e aprendizado num mundo que desmorona nas dores da retomada.

Não estávamos acostumados, até bem pouco tempo, a ler tais coisas em textos pesquisados e produzidos por tantos PhDs...

—... nosso objetivo final — escreve o dr. Snow, à página 92 — é o amor, não o passatempo emocional e egoísta da atração e da posse sexual que tão freqüentemente passa por amor aqui na Terra, mas o amor altruísta, do espírito e da Mente Universal ou Deus.

Ou, à página 93:

— É particularmente crucial entender que todas as fontes mediúnicas concordam em que nossa natureza fundamental é espiritual, não física. Nossas almas residem em sucessivos corpos físicos e personalidades, da mesma forma como usamos roupas e vivemos em casas.

O mundo não vai acabar

Outro exemplo, tomado aleatoriamente, encontramos à página 154. Consciente, como não poderia deixar de estar, do impacto potencialmente perturbador do livro, o dr. Snow tem uma palavra de bom senso, ao alertar que não há necessidade de correrem todos, a partir de amanhã, para abrigos à prova de cataclismos ou evacuar áreas densamente povoadas, como Manhattan, Moscou ou Los Angeles, ou, ainda, começar a empilhar alimentos, na expectativa dos

eventos previstos nas progressões. Há que considerar sempre o aspecto condicional de tais antecipações, como ficou claro, segundo ele, na mensagem de Fátima e, mais recentemente, na de Medjugorje. Lembra, ainda, que a “mente é que constrói”, conforme dizia Edgar Cayce, ou seja, o pensamento dispõe de poder criador. Acha o dr. Snow, portanto, que, em vez de corrermos para áreas de segurança, ou buscar a fuga “no álcool, nas drogas e em outros tipos de escapismo”, o correto será “elevar, em todo o planeta, o nível de conscientização de nossa verdadeira identidade imortal e espiritual.”

E prossegue:

— A prece ou a meditação individual e coletiva, se praticadas com sinceridade e diligência, são capazes de produzir milagres. Isso tem sido provado ao longo da história humana em épocas de crise. E poderá produzi-lo novamente.

Aí ficam, pois, a esperança, a advertência e o recado com os quais creio podermos nos declarar de pleno acordo. O problema consiste, apenas — e este é um dramático *apenas* —, em convencer bilhões de seres pelo mundo afora, e logo, de que são espíritos imortais e que uma poderosa corrente de vibrações positivas poderia, talvez ainda a tempo, produzir uma inflexão no traçado que já

desenhou a alternativa da demolição reconstrutiva, se me permitem o paradoxo. De minha parte, bem que gostaria de acreditar nessa expectativa otimista, mas o insensato comportamento do ser humano no passado, tanto quanto no presente, tem sido, em tais aspectos, desencorajador. Seja como for, o mundo não vai acabar. Onde quer que estejamos, em qualquer ponto do universo, haverá um lugar para nós no coração imenso de Deus.

Bibliografia:

SNOW, Chet B. *Mass dreams offuture*. McGraw-Hill, New York, 1989.

